Dia 20 — Santo Domingo de Silos, Abade

Martirológio Romano

A vigília de São Tomé, apóstolo.

Os santos mártires Liberato e Bajulo, em Roma.

Os santos mártires Ánon, Zenão, Ptolomeu, Ingênuo e Teófilo, soldados, em Alexandria; os quais, estando de guarda nos tribunais, vendo vacilar um cristão no tormento e quase determinado a negar a Jesus Cristo, com gestos, com olhares e outros sinais procuravam precavê-lo daquela queda: e como por esta causa se levantasse contra eles o clamor do povo, saindo eles ao meio da gente, declararam que eram cristãos; em cuja vitória triunfou gloriosamente Jesus Cristo, que lhes havia dado ânimo e fortaleza. (Aconteceu pelos anos de 251.)

São Júlio, mártir, em Gelduba (durante a perseguição de Diocleciano).

Os santos mártires Eugênio e Macário, presbíteros, na Arábia; a quem Juliano, o Apóstata, porque lhe repreendiam sua cruel impiedade, mandou açoitar cruelmente e desterrou a um áspero deserto, onde por último os mandou degolar.

A gloriosa morte de São Filogônio, bispo, em Antioquia; o qual era advogado quando o chamou Deus ao governo daquela igreja e foi o primeiro que, juntamente com o santo bispo Alexandre e com outros companheiros, fez guerra a Ário em defesa da fé católica: esclarecido por seus méritos, morreu no Senhor: em sua festa pregou São João Crisóstomo um excelente panegírico. (Foi o sucessor de São Vital na sé de Antioquia e morreu no ano de 322.)

Santo Domingos, bispo e confessor (nos primeiros anos do século VI), em Bréscia. A ditosa morte de São Domingos de Silos, abade, da Ordem de São Bento, na Espanha; muito celebrado em milagres, especialmente pelos que operou libertando os cativos. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santo Domingo de Silos, Abade

Santo Domingo, chamado de Silos pela longa permanência que fez no mosteiro deste nome, veio ao mundo no ano de 1000: foi natural da vila de Cañas, entre Nájera e Santo Domingo de la Calzada, em La Rioja: seu pai se chamava João Manso, de uma família muito distinguida, tanto por sua antiga nobreza, pois descendia dos senhores da Biscaia e dos reis de Navarra, como por sua piedade, a qual parecia hereditária em sua casa. O nome de sua mãe não o dizem os historiadores da vida de nosso Santo; crê-se que seria em tudo correspondente a seu pai. A educação que lhe deram seus pais foi muito cristã; ainda que seu belo natural, sua docilidade e sua inclinação às coisas da Religião lhes pouparam muito daquele trabalho que costuma custar a outros pais o impor a seus filhos nos princípios da piedade e da Religião. Seus costumes nada tiveram de pueril; ignorou os jogos em que as demais crianças costumam passar a primeira idade e, o que é mais, nem tratava nem se entretinha com os de sua idade, sendo sua única diversão ir com seus pais à igreja e derramar ali seu coração na presença de Deus. Sendo ainda muito jovem, empregou-se em guardar o gado de seus pais, exercício que foi muito de seu gosto, por parecer-lhe que em nenhum outro podia conservar melhor a inocência e unir-se mais estreitamente com Deus. Quatro anos passou neste exercício, depois dos quais se deu ao estudo das sagradas letras, nas quais saiu em breve muito consumado, como quem desde as primeiras letras tem o Espírito Santo por mestre, o qual o ia levando como pela mão ao cume do sacerdócio, dignidade a que o elevou o Senhor em prêmio de suas virtudes e para que servisse aos demais de luz, de guia e de modelo. Ano e meio permaneceu de sacerdote em casa de seus pais, sendo seu porte, sua compostura, seu zelo e seu recolhimento a admiração e edificação de todo o povo; mas parecendo-lhe que na vida solitária acharia mais cedo a perfeição a que aspirava, sem notícia de pessoa vivente fugiu a um deserto, onde por espaço de ano e meio fez uma vida a mais áspera, se se olha aos rigores com que tratava seu corpo, mas a mais doce, se se atende aos favores com que o regalava o céu. Mas não obstante o que havia adiantado na virtude na solidão, creu que sempre ficaria muito nos princípios se não se punha sob a direção de algum mestre espiritual que com a voz e o exemplo lhe ensinasse os caminhos de Deus. Florescia então a disciplina monástica e a observância regular no famoso mosteiro de São Millán de la Cogolla, da Ordem de São Bento, distante uma légua de Cañas, pátria de nosso Santo. Aqui tomou o hábito religioso com geral aplauso dos monges, os quais em poucos dias conheceram que o novo religioso, longe de ter necessidade de aprender deles, podia ensinar a todos a regularidade, humildade, paciência, mortificação, caridade e todas as demais virtudes que constituem um homem perfeito religioso. Querendo o abade de São Millán fazer prova de sua obediência, nomeou-o superior do mosteiro de Santa Maria de Cañas, cargo que admitiu sem repugnância, ainda que previa as penalidades e moléstias que lhe havia de acarretar o novo emprego, por estar o mosteiro de Cañas arruinado, sem fazenda, sem provisões e sem mobília de casa. Apenas se viu em posse de seu novo emprego, quando, fazendo-se cargo da escassez do mosteiro, ocupava-se, em companhia de seus súditos, em trabalhos de mãos para ganhar a comida, sem que por isso se relaxasse um ponto a observância religiosa: até que, compadecido o Senhor dos trabalhos de seu fiel servo, despertou os corações de muitas pessoas virtuosas que de remotas terras vieram visitá-lo, atraídas da fama de suas virtudes, as quais, vendo a pobreza do mosteiro, portaram-se tão liberais com ele que com suas esmolas em menos de dois anos se restaurou o mosteiro, levantou-se o claustro, acabou-se a igreja, aparelharam-se as oficinas e enriqueceu-se de ornamentos o templo, o qual consagrou o bispo de Nájera, Sancho, abade que havia sido de São Millán e amigo íntimo de nosso Santo. Um prodígio que operou Deus na pessoa do Bispo aumentou a veneração que todos tinham a Santo Domingo. Vendo o Bispo que duas mulheres andavam como de casa pelo mosteiro de Cañas, creu que não se observava nele a

disciplina regular como era razão; lançou-o em rosto a nosso Santo e, ainda que este lhe disse que aquelas mulheres eram sua mãe e irmã, e ambas de costumes irrepreensíveis, que haviam ido preparar a comida aos hóspedes, retirou-se dele enojado e pôs-se a caminho para Nájera; mas a poucos passos parou a mula em que ia, de modo que nem com o látego nem com as esporas se lhe pôde fazer dar um passo para parte alguma, até que, conhecendo o Bispo sua ligeireza e pedindo a Deus perdão dela, ficou a mula expedita, e voltou a Cañas a fazer a consagração.

Muitas gentes acudiam àquele santuário a abraçar a vida monástica: deste ditoso número foram alguns irmãos de Domingo e seu mesmo pai, que perseveraram até o fim em seu bom propósito e morreram santamente.

Vendo o abade de São Millán o tesouro de que havia privado seu mosteiro com a ausência de Santo Domingo, fê-lo voltar a ele, onde foi eleito prior por votos unânimes de todos os monges e portou-se no novo ofício com tanta prudência que, assim como sua santidade o fazia venerar de todos, assim sua caridade fazia que todos o amassem e seu exemplo que todos se adiantassem na perfeição cristã e religiosa. Conheceu o demônio os infinitos bens que acarretava ao mosteiro esta harmonia e assim fez os maiores esforços para turbá-la, inspirando ao rei Dom García, que reinava então em La Rioja, o desejo de despojar o mosteiro de São Millán das riquezas que nele havia: pediu-lhas o Rei a Santo Domingo, o qual com a submissão devida representou ao Rei que nem parecia bem que Sua Majestade as pedisse nem ele tinha poder para dar-lhe o que uma vez se havia consagrado a Deus: esta resposta pareceu ao Rei um desacato, e ameaçou-o de que faria com ele um exemplar castigo se resistia a sua demanda. O Santo respondeu-lhe que, se Deus lhe permitia pôr em execução suas ameaças, ele teria a glória de padecer por uma causa tão decorosa como era zelar a honra da casa de Deus. Mas vendo que o Rei não desistia de sua empresa e que todos os seus tiros se assestavam contra ele, despediu-se de todos com humildade, saiu de La Rioja e foi-se a Burgos, corte então do rei Dom Fernando, primeiro deste nome. Foi recebido do Rei, da grandeza e do povo com suma veneração, e a fama de sua santidade, de sua prudência e de seu governo começou a estender-se mais por toda a Espanha. Logo lhe concedeu Dom Fernando o que ele pedia, que era um sítio apartado de todo bulício para retirar-se a viver. Há quem diga que, antes de ir o Santo a Silos, com licença do Rei edificou uma casa e uma ermida fora dos arrabaldes, num vale que chamam Semela, junto ao convento de Santo Agostinho, chamado então Santo André: e que dia e noite assistia com aqueles religiosos a cantar os louvores divinos. O sítio onde viveu o Santo é hoje a ermida da Madalena, a qual pertence à jurisdição de Silos. Foi isto pelos anos de 1040.

O tempo que esteve em Burgos não se sabe. O mais certo é que no fim de janeiro do ano 1041 tomou posse do mosteiro de Silos, fundado pelo rei Recaredo sob a invocação de Maria santíssima e de São Sebastião no ano de 593; o qual, havendo sido um dos maiores e mais nobres santuários da Espanha, estava já tão por terra no espiritual e temporal que obrigou o rei Dom Fernando e Dom Jimeno, bispo de Burgos, a buscar remédio, e não acharam outro melhor que encomendá-lo a Santo Domingo, dispondo primeiro que renunciasse a abadia Dom Munio ou Nuño,[^1] o qual se retirou à igreja de São Miguel, que estava junto à de Silos. Entrou o Santo no mosteiro de Silos acompanhado de muitos personagens da corte, a tempo que um santo monge chamado Liciniano, homem de grande virtude mas muito aflito pela decadência do mosteiro, dizia a missa conventual, o qual, em lugar de cantar o *Dominus vobiscum* que precede ao ofertório, disse cantando: *Ecce*

reparator venit: o restaurador vem; e o coro respondeu: *Et Dominus misit eum;* e o Senhor no-lo envia; e para que não se duvidasse de que Deus havia movido a língua do celebrante e do coro, acabada a missa desceram à igreja os monges e viram Santo Domingo rodeado de luzes celestiais. Este sucesso os confirmou a todos na opinião que já tinham de sua santidade e lhes fez conceber as mais firmes esperanças de que por sua mão voltaria o mosteiro a seu antigo lustre e esplendor, o que sucedeu como o pensaram; pois nos vinte e oito anos que foi abade formou-o de maneira que podia com razão contar-se por um novo e raro milagre. Começou a reforma do mosteiro pelo exemplo de sua santa vida, praticando primeiro o que queria que executassem os súditos: animava os fracos, consolava os tristes, socorria os necessitados como podia, naquelas estreitezas a que estava reduzido o mosteiro; e lançando Deus a bênção sobre seus desvelos e trabalhos, conseguiu enriquecer as almas de seus súditos de todas as virtudes e o mosteiro de bens, os quais lhe dava o Senhor como por acréscimo de seus grandes e prodigiosos serviços, empregando para isso, se era necessário, os milagres, como sucedeu em ocasião em que, estando o mosteiro sem provisão alguma nem ter com que comprá-las, avisou-lhe o Rei que enviasse a Burgos por uma considerável porção de trigo, que sabia lhe fazia bastante falta.

Andando um dia com esta solicitude e ânsia muito acesa, foi consolado com uma visão do céu. Pareceu-lhe que estava vendo um rio de onde saíam dois grandes arroios, um como de leite e outro como de sangue. Passava-se este rio por uma ponte de vidro, larga como palmo e meio. Do outro lado havia dois varões de formosura sobre-humana com roupas brancas, cingidos com cintos de ouro muito resplandecentes: um deles tinha na mão duas coroas de ouro brunido, o outro tinha uma só sete vezes mais resplandecente e engastada de pedras preciosas. O das duas coroas chamava nosso Santo e lhe dizia que passasse lá. O Santo respondeu que não podia por ser estreita e delicada a ponte. Instava-lhe que não temesse. Obedeceu ele e, estando já do outro lado, disse-lhe: Estas duas coroas que vês, enviam-te Deus porque já as tens merecidas. — Que mérito há em mim, replicou o Santo, para receber tal galardão e por tais ministros? — A primeira coroa, disse ele, dá-te Cristo porque em seu seguimento desprezaste o mundo; e se perseverares até o fim no mesmo propósito, gozá-la-ás para sempre. A segunda coroa é por haver restaurado a igreja de Santa Maria (de Cañas), pela devoção que tens à Mãe de Deus e também pela virgindade que desde moço ofereceste guardar, a qual coroa possuirás para sempre se perseverares nesta virtude. A terceira, mais preciosa, prepara-se-te pelo mosteiro de Silos, que reedificarás desde os alicerces, devolvendo-lhe seu primeiro esplendor, e pelas muitas almas que nele hás de ganhar a Deus. Se cumprires o que te digo, gozarás estas três coroas com Cristo e conosco eternamente. Com isto desapareceu a visão. Na manhã seguinte chamou Domingo alguns monges muito observantes, amigos seus íntimos, e contou-lhes o que havia visto. Um deles era Grimaldo, o escritor de sua vida, por cujo testemunho sabemos isto, e também que por então nem entenderam eles o que significava a visão, nem a creram de todo, até que depois a santidade de Domingo, o espírito de profecia que resplandeceu nele e os milagres que operava Deus por sua intercessão foram acreditando a verdade daquela promessa.

Em seu tempo o rei Dom Sancho deu ao mosteiro de Silos o mosteiro de Santa Maria de Duero com todas as suas pertenças. O rei Dom Afonso VI, entre outras doações, deu-lhe o mosteiro de São Martinho de Madri e sua paróquia, com jurisdição civil e criminal ao prior sobre todos os paroquianos, os quais ordenou que fossem vassalos solarengos do mosteiro; e que não pudessem sem licença do prior levantar as casas, e na venda delas fosse preferido o mosteiro. Com estas e

outras dádivas levantou nosso Santo desde seus alicerces o templo que caía e edificou de novo todo o mosteiro; um e outro persevera hoje conforme o fez Santo Domingo.

Estas liberalidades dos fiéis para com o mosteiro de Silos, assim como eram um claro testemunho da veneração em que todos tinham nosso Santo, assim também eram uma espécie de reconhecimento aos imensos benefícios que Deus lhes fazia por sua mediação, sendo infinitos os enfermos, os cegos, os coxos, os tolhidos que saravam todos os dias por sua intercessão. Mas no que principalmente se assinalou foi em socorrer os cristãos que estavam em poder de mouros, que então eram muitos, e seu seguro remédio era implorar sua proteção. Foi isto com tanto extremo que, encomendando-se a ele desde suas masmorras, achavam-se de repente em terra de cristãos e até às portas de seu mosteiro, deixando ali em testemunho as cadeias, grilhões, ferros e demais instrumentos de seu cativeiro; e foram tantos os despojos dos cativos que se puseram naquele convento que em Castela se dizia por rifão: Não te bastarão os ferros de Santo Domingo.

Por este tempo revelou Deus a São García, abade de Arlanza, que trasladasse de Ávila a seu mosteiro os corpos dos santos mártires Vicente, Sabina e Cristeta. Nesta trasladação achou-se presente o abade de Silos, Santo Domingo; e como o Santo não houvesse pedido ao abade de Arlanza relíquia nenhuma daqueles Santos, como o fizeram os Bispos e outras pessoas graves que assistiram à sua trasladação, os monges de Silos mostraram-se por isso queixosos. Respondeu-lhes o Santo que não se entristecessem por isso, que, se guardavam exatamente a lei e tomavam seus conselhos, teriam o corpo de um Santo cuja proteção não lhes daria lugar para que invejassem as relíquias de outros. Disse isto o santo Abade por impulso do céu; nem ele soube o que dizia, nem os monges o entenderam até que ele passou desta vida.

Chegou, enfim, o tempo destinado por Deus para que este servo fiel colhesse o fruto de seus trabalhos: foi assaltado de uma grave enfermidade que o prostrou na cama: conheceu que morria ou, por melhor dizer, teve revelação do dia de sua morte, pois no dia da Expectação da santíssima Virgem disse a seus monges: Passei toda esta noite na igreja com o Rei e a Rainha, os quais me convidaram para daqui a três dias; passados os quais, gostoso e alegre assistirei a seu eterno e delicioso convite. Chegou a sexta-feira 20 de dezembro, em que Jesus e Maria o voltaram a visitar e, tendo recebido os Sacramentos, despediu-se de seus monges, aos quais deu muitos e muito salutares documentos; e levantando os olhos e as mãos ao céu e deixando-as cair depois sobre seu peito, fechou aprazivelmente seus olhos para um eterno e ditoso sono. Sucedeu sua morte aos 20 de dezembro do ano de 1073. Logo que expirou, uns meninos sem malícia que se achavam presentes viram subir ao céu sua alma com três coroas resplandecentes, cumprindo Deus o que lhe havia prometido na visão que já antes se referiu: foi abade daquele mosteiro trinta e três anos menos trinta e cinco dias. Seu corpo foi enterrado com a veneração devida no claustro que olha para a igreja; mas os muitos e grandes milagres que operava Deus todos os dias com os que se encomendavam ao Santo e as aclamações dos peregrinos obrigaram no ano seguinte Dom Jimeno, bispo de Burgos, com consulta do abade de Silos, Dom Fortunho ou Fortuny, com acordo do rei Dom Afonso VI e assistência de outros bispos e abades e senhores do reino, a levantar suas cinzas, pô-las numa preciosa urna e colocá-las no altar de São Martinho, mandando que em cima de seu sepulcro pusessem ara para dizer missa em nome e por reverência do santo Abade. Assim ficou Santo Domingo beatificado segundo o costume daquele tempo. E neste mesmo ano começou o mosteiro a perder a invocação antiga de Santo André e a ser conhecido pelo nome de nosso Santo,

o qual lhe dá já Dom Afonso VI na escritura de agregação do priorado de São Frutos a esta casa de Santo Domingo.

Dez anos depois, no de 1086, foi consagrada esta igreja de Santo Domingo de Silos por Ricardo, cardeal da santa Igreja romana e legado do Papa. A esta consagração assistiram o arcebispo de Toledo Dom Bernardo, Dom Gómez II, bispo de Burgos, e outros muitos prelados e senhores do reino. Ainda mais que por este concurso foi enobrecida aquela solenidade pela assistência de um cativo chamado Servando, natural de Cuzcurrita, em La Rioja, a quem o Santo acabava de libertar de sua escravidão e que veio livre com os grilhões que ele lhe tirou, dando a Deus glória e ao Santo o louvor devido. O legado, voltado a Roma, contou ao Papa este prodígio do Santo e outros muitíssimos que o céu operava em seu sepulcro, pelo que o papa Urbano II se moveu a canonizá-lo, ainda que Flórez (t. 26, pág. 211) disputa se foi ou não este Papa.

Para referir o número dos prodígios que em vida e em morte operou Deus pela intercessão de nosso Santo, as doações e privilégios exorbitantes que os reis da Espanha concederam em vários tempos ao mosteiro de Silos em atenção a Santo Domingo e os templos que se dedicaram a seu nome, seriam necessários muitos livros. Baste dizer que o mundo deve o nascimento do patriarca da religião dos Pregadores à intercessão de nosso Santo, o qual, aparecendo à gloriosa beata Joana de Aza, que prostrada diante de seu sepulcro lhe pediu com muito fervor que a consolasse na falta de sucessão, prometeu-lhe que Deus lhe daria um filho, como se verificou: pôs a este filho de promissão o nome de Domingo em memória de seu benfeitor. Este segundo Domingo fundou o mosteiro e igreja de religiosas de Santo Domingo el Real de Madri, sob a invocação de Santo Domingo de Silos, ainda que comumente se crê ser a invocação deste convento a de Santo Domingo de Gusmão.

No dia 19 de abril de 1733 o sagrado corpo foi solenemente trasladado à suntuosa capela que para isto se edificou na mesma igreja e colocado numa arca nova de prata muito preciosa e de requintado gosto. Então, por concessão de Clemente XII, o nome de nosso Santo foi posto no Martirológio.

A Venerável Oria

Do tempo de Santo Domingo de Silos é a venerável Oria, que com sua aprovação viveu reclusa ou emparedada com grande edificação de toda a nossa península. Antiga é na Igreja esta linhagem de vida penitente, pelo qual alguns homens ou mulheres chamados de Deus a fugir inteiramente dos riscos do século se encerravam numa cela estreita tapiada por todas as partes, sem mais respiradouro que uma janela por onde recebiam o preciso alimento. Altíssima era esta penitência, grandes provas se requeriam em quem a houvesse de abraçar. Muitos reclusos destes houve na Espanha, como noutra parte dissemos. A indiscrição de alguns e a frouxidão também, e sobretudo a miséria nossa que até as coisas mais santas avinagra e corrompe, deram ocasião a que os Padres do concílio VII de Toledo, celebrado no ano de 646 (no cânon 5 *De reclusis*), proibissem admitir a este gênero de vida os que antes não houvessem dado frutos de observância regular em algum mosteiro, mandando que os vagos que não tinham estabilidade nem davam bom odor de

virtude fossem levados a seus conventos ou instruídos em suas obrigações, se não houvesse outro remédio.

Uma das pessoas que louvavelmente praticaram em Silos este gênero de vida anacorética foi a venerável Oria, a qual, desamparando seus parentes e saindo de sua casa com desejo de entregar-se toda a Deus, pediu a Santo Domingo não só o véu de esposa de Jesus Cristo, mas também licença para viver emparedada, a que se sentia impelida do Espírito Santo. Mostrou-lhe o santo Abade a aspereza da penitência a que se queria obrigar; disse-lhe que menos mau lhe seria manter-se na casa de seus pais que abraçar aquela vida tão rigorosa e abandoná-la depois por frouxidão e inconstância. Estas reflexões muito prudentes e acertadas, como de tão sábio e santo varão, não foram bastantes para apagar em Oria a ânsia da perfeição a que aspirava por meio daquela vida. Insistia seguindo o fervor de seu espírito; por fim entendeu o santo Abade que aquela era obra de Deus e concedeu-lhe o que pedia. Com grande gozo sepultou-se em vida a santa donzela, morrendo ao mundo e a seu alvoroço e ruído. Com espírito angélico empreendeu esta carreira e perseverou nela alguns anos. Não podendo o demônio sofrer a guerra que Oria lhe tinha declarada, fez grandes esforços para derrubá-la de seu propósito. Tratou primeiro de aterrá-la com medos e espantos que costumam causar medo especialmente às mulheres, e mais quando são obra de tal inventor. Apareceu-lhe em figura de serpente, já grande, já pequena, fazendo vários ademãs para que, atemorizada, a serva de Deus abandonasse aquele lugar e mudasse de vida. Era isto contínuo, dia e noite. Oria lhe resistia e o vencia com as armas da oração; por fim, vendo a tenacidade do inimigo, deu parte a Santo Domingo da tribulação em que se achava. Foi lá o bendito Abade, disse missa, deu-lhe a comunhão, lançou água benta na celinha da serva de Deus; com isto desapareceu o demônio e não voltou mais aquela visão. Desta nova tranquilidade aproveitou-se Oria para correr a passo largo para o alvo de sua vocação, na qual perseverando até o fim mereceu chegar à eterna coroa antes do ano 1090, em que escrevia sua vida o monge Grimaldo.

A santidade desta serva de Deus é celebrada pelos escritores daqueles tempos. Não se sabe o sítio onde a enterraram, nem menos onde teve a cela: crível é que vivesse junto ao mosteiro de São Sebastião de Silos, em que Santo Domingo era abade, pois ainda antes de haver ido ele a Silos houve ali casa de religiosas com igreja dedicada a São Miguel, a qual perseverou ainda depois que faltaram as monjas; e desta casa era abade Dom Nuño quando foi Santo Domingo ao mosteiro, como acima dissemos. Não longe deste sítio houve um hospital e junto a ele viveu emparedada também outra senhora chamada Dona Constança, a qual e ao hospital, que era fundação sua, recebeu sob sua proteção o rei de Castela São Fernando no ano 1218. Também fica memória de outra reclusa do bispado de Burgos chamada Mariana, a qual, sendo bispo Dom García no ano 1097, com alguns abades e abadessas de vários mosteiros confirmou a escritura de doação feita em favor da sé de Burgos por Fronilda, religiosa da ordem de São Bento.

A Trasladação das Relíquias de Santo Isidoro à Cidade de Leão

No dia 4 de abril prometemos falar hoje da trasladação do corpo de Santo Isidoro de Sevilha a Leão, feita por disposição de Deus e não dos homens. O caso passou desta maneira: Achava-se Sevilha dominada do rei mouro Habet, a quem chamavam alguns Benabet e outros Eneto. Era rei de Leão Fernando, o Grande, primeiro de Castela, o qual, seguindo o impulso de sua piedade, desejava enobrecer a corte de Leão com relíquias de Mártires. Alcançou de Benabet o corpo de Santa Justa, que se venerava em Sevilha. Para trasladá-lo a Leão enviou lá Alvito, bispo daquela igreja, e Ordonho, bispo de Astorga, e o conde Muño com gente armada. O mouro reconheceu a promessa; mas achou dificuldade em sua execução, porque nem ele nem os seus podiam dar sinais de onde estava aquele corpo; acrescentou que o buscassem eles e o levassem se pudessem achá-lo. O bispo Alvito mostrou a seus companheiros quão árdua era aquela empresa, da qual só Deus podia tirá-los prosperamente; três dias estiveram em oração jejuando; com grande fervor pediam a Deus que lhes revelasse o sítio onde estava o sagrado tesouro. Na noite que era princípio do quarto dia, adormecendo Alvito, viu em sonhos um venerável ancião vestido de pontifical, o qual lhe falou desta maneira: Sei que tu e teus companheiros viestes cá com desejo de levar-vos o corpo de Santa Justa; e ainda que não quer Deus que esta cidade seja desamparada do corpo desta virgem, tampouco quer que volteis vazios, pois vos concede meu corpo: tomai-o e caminhai seguros. Perguntou-lhe Alvito quem era. Respondeu: Eu sou Isidoro, doutor das Espanhas, prelado desta cidade. Isto disse e desapareceu a visão. Despertou Alvito e, não assegurado de que aquilo fosse verdade, rogou a Deus que, se o era, lho desse a entender. Em seguida, adormecendo, teve segunda e terceira vez a mesma visão: à terceira Isidoro lhe declarou o sítio onde jazia seu venerável corpo, ferindo o chão com um báculo que tinha na mão e dizendo: Aqui, aqui, aqui encontrarás meu corpo. Acrescentou-lhe por sinal de ser isto certo que logo cairia ele enfermo e passaria desta vida. Contou Alvito esta revelação aos seus; passaram logo a dar parte dela a Benabet. Este Príncipe, ainda que infiel, mostrou pesar disto. Dizia-lhes: Se vos dou Isidoro, com que fico eu? Mas não tendo ânimo para desgostar tais embaixadores, deu-lhes licença para que buscassem este tesouro. Acharam-no por disposição de Deus. Era tal a fragrância que dele saía que, como uma névoa de bálsamo, umedeceu os cabelos e a barba de todos os circunstantes com um orvalho de odor sobrenatural. A caixa de seu sepulcro era de zimbro. Logo que se descobriu o venerável cadáver, adoeceu Alvito; no dia seguinte entregou sua alma a Deus. Ao tempo de pôr o sagrado corpo na caixa, o rei Benabet lançou-lhe em cima um véu de seda de muito preciosa feitura que tinha disposto e dizia suspirando: Apartas-te daqui, venerável Isidoro; mas bem sabes que tua causa é a minha: rogo-te que não me esqueças.

O bispo de Astorga e os demais de sua comitiva recolheram o corpo de Alvito e o do santíssimo Isidoro e voltaram a Leão. O rei Dom Fernando dispôs que o corpo de Santo Isidoro fosse colocado na igreja de São João Batista, edificada por ele, a qual fez depois consagrar em honra de Santo Isidoro. Deus Nosso Senhor operou grandes maravilhas naquele templo pela intercessão deste santo Doutor. Fez-se esta trasladação no ano 1063, a 21 de dezembro. Neste dia se põe esta festa no calendário perpétuo impresso no ano de 1578, onde se previne que as primeiras vésperas sejam suas desde o capítulo, com comemoração de São Tomé apóstolo. Tamayo seguiu o mesmo dia, prevenindo que a santa igreja de Leão escolheu o dia 20 para evitar a concorrência desta festa com a do santo Apóstolo.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santo Domingo, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Deus, qui Ecclesiam tuam beati Dominici confessoris tui præclaris vitæ meritis decorasti, et in liberandis captivis gloriosis lætificasti miraculis: concede nobis famulis tuis, ut et ipsius instruamur exemplis, et ab omni vitiorum servitute ejus patrocinio liberemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que adornastes vossa Igreja com os esclarecidos méritos do bem-aventurado Domingo e a fizestes alegrar-se vendo livres muitos cativos por sua mediação milagrosa, fazei que nós, vossos servos, sejamos instruídos em seus exemplos e que por seu patrocínio nos vejamos livres da escravidão de todos os vícios. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do Eclesiástico (o impresso remete à pág. 92, isto é, ao dia 5).

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Reflexões

Sua memória se conserva em bênção. Oh, e que diferença há entre a memória dos Santos e a memória dos maiores homens! Aquela se conserva em bênção, entre louvores, em veneração e entre contínuas graças ao céu. São louvados os Santos depois de sua morte na congregação dos fiéis. Ainda que houvesse sido obscuro seu nascimento, por baixa, por vil, por humilde que fosse sua condição; mas que não houvessem tido nem espírito, nem talentos, nem alguma outra daquelas prendas brilhantes que tanto se estimam no mundo, que levam as atenções, que arrastam os aplausos: tudo o supre com vantagens a santidade. Mas que veneração se conserva por aqueles grandes homens que fizeram bela figura enquanto viveram? Acabou-se a figura com a vida. Fizeram ruído; mas em que parou este ruído um momento depois de sua morte? Acabou-se o ruído e com ele pereceu ao mesmo tempo sua memória. Só lembrar-se de um defunto causa medo; olha-se com um gênero de horror tudo quanto serviu em vida ao uso de sua pessoa. Mas faça-se conceito de que o defunto foi um Santo; com que veneração se olha seu corpo? Longe de causar horror o quarto onde morreu, inspira não sei que consolo, alegria, respeito e confiança. O ataúde onde está exposto o cadáver faz-se precioso, e tem-se por ditoso o que logra uma alfaiazinha das que serviram ao defunto. Os tecidos mais ricos, os metais de maior estimação não parecem nem decentes nem bastantes para envolver ou para engastar um ossinho, alguns cabelos, uma partezinha de seu vestido ou de sua mortalha. Todos se atropelam por beijar suas mãos e seus pés; todos se prostram diante daquele corpo. Os grandes do mundo, os que dominam a terra, os soberanos, os monarcas, todos se ajoelham diante dele, todos imploram sua proteção, todos se encomendam em suas orações; mas é um corpo morto, mas é um cadáver; não importa: a santidade não só faz doce a morte dos Santos, mas até seus corpos mortos os faz dignos da pública veneração. Mas ainda que o defunto houvesse sido o homem mais baixo da república, toda a gente da maior distinção, ou por seu berço ou por seus empregos, fará vaidade e se considerará obrigada de concorrer a seu enterro. Levar-se-á seu cadáver como em triunfo entre os votos e os aplausos do povo. Em quantos templos se pendurarão seus retratos? Em quantos altares se colocarão suas relíquias? Os séculos mais remotos celebrarão sua memória com veneração, e em todas as partes ressoarão seus elogios. Que grandes do mundo receberam jamais honra semelhante? Que fortuna se pode comparar à ventura que gozam os Santos? Mas os afortunados do mundo morrem, e morrem também com eles todas as honras que lhes tributavam. O que se rende aos Santos passa até suas mesmas relíquias. Não é a relíquia o objeto direto e principal de nosso culto; o mesmo Santo que reina com Cristo no céu é o que adoramos e o que invocamos quando veneramos suas relíquias. A opinião em que estamos de que aquela relíquia que se nos apresenta à vista é todo o seu corpo ou alguma parte dele: esta opinião, verdadeira ou falsa, basta para excitar nossa devoção e para que seja agradável a Deus o culto que tributamos às que cremos ser relíquias dos Santos. Não nos pede Deus uma crítica severa, mas uma piedosa inclinação a honrar o que ele mesmo honra e à proporção do que o honra o mesmo Senhor. Talvez por isso (diz São Gregório), para ensinar-nos uma verdade tão proveitosa como cheia de consolo, não poucas vezes opera Deus maiores milagres nos lugares onde verdadeiramente não estão os corpos dos Santos que se invocam: *Sancti ad majus fidei nostræ meritum sæpe illic majora signa faciunt, ubi minime per semetipsos jacent.* (Liv. 2 *Diál.*, cap. último.)

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus (o impresso remete à pág. 94, isto é, ao dia 5).

Mateus 19,27-29

> **Latim:** 27 Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? 28 Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. 29 Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: 27 Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? 28 E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. 29 E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Deus é muito liberal com os que o servem

Primeiro ponto

Considera a liberalidade com que recompensa Deus tudo o que se faz por seu amor. Inspirações salutares, auxílios particulares, graças sobreabundantes, valor dos méritos e o sangue de um homem Deus, dons sobrenaturais mais preciosos que todo o mundo junto: tudo isto é algumas vezes recompensa de uma ligeira obra de caridade, de um só ato de amor de Deus, de um simples desejo de uma alma justa.

Parece que já não se lembra Deus de todos os infinitos benefícios que nos fez logo que lhe damos ocasião, por dizê-lo assim, para fazer-nos outros novos com nossa fidelidade a seu serviço. Ao mesmo tempo que dá os talentos, dá os meios e a indústria para negociar com eles; e, ganhando os dois, acrescenta quatro. Toda a Escritura está cheia de parábolas e de exemplos que acreditam

a liberalidade com que premia Deus em nós aquilo mesmo que ele nos dá.

Mas com que atenção está a socorrer as necessidades de seus servos! Que maravilhas opera em favor dos que o seguem! Faminto o povo das instruções e da doutrina do Salvador, vai atrás dele: que cuidado em prover suas necessidades e que de prodígios para provê-las!

Pois foste fiel em coisas pequenas, eu te farei dono das maiores. Que proporção há entre o salário e o trabalho, entre o mérito e o prêmio? Quando se trata de recompensar nossos pequenos serviços, só se aconselha Deus com a infinita grandeza de seu imenso coração.

Mas que serviços somos capazes de fazer a todo um Deus? Tudo quanto podemos fazer não é obrigação nossa, e a mais essencial de todas as nossas obrigações? Pode haver para nós nem maior glória nem maior recompensa que ele mesmo admitir-nos a seu serviço? Contudo, quer Deus receber-nos por mérito nossas mesmas obrigações: quer assinalar um infinito prêmio à mais ligeira prova de nossa devida obediência. Por haver estado prontos a sua voz, por haver estendido um copo de água em seu nome, por haver-lhe tributado nosso respeito: um paraíso, uma glória eterna, uma felicidade que a faz o mesmo Deus. Oh, e quanta verdade é que Deus tudo premia como Deus! E depois de tudo isto, será possível, divino Salvador meu, que eu queira servir a outro dono!

Segundo ponto

Considera que, ainda que Deus não recompensasse nossos serviços com outra coisa que com dignar-se de admiti-los, ficaríamos sobejamente recompensados. Quantos grandes não recebem outra recompensa na corte pelo que servem ao soberano? Perderam a saúde, gastaram toda a vida, arruinaram-se no serviço do rei, e uma palavrinha benigna, um olhar-lhes alguma vez com agrado vale para eles um elogio e costuma ser não poucas vezes todo o prêmio que recebem. Mas ao mais pequeno ato de mortificação, ao sacrifício de um momento, a um nada feito ou padecido por Deus, segue-se no instante uma assombrosa abundância de bênçãos. Nem no grande dia dos prêmios, que é o dia do juízo, quer Jesus Cristo fazer menção de outras coisas senão das mais ordinárias, das menos ruidosas e das mais felizes. Meu Deus! Uma torrente de delícias, oceanos imensos de consolos, uma bem-aventurança infinita, eterna, por um maravedi que ofereci a vosso tesouro, por uma visita que fiz a um pobre enfermo, a um encarcerado; por haver cumprido um ato de religião a que estava obrigado sob graves penas; e como se tudo isto fosse pouco, como se não fosse bastante, vós mesmo quereis ser minha recompensa. *Ego ero merces tua magna nimis.* Ó meu Deus, e com tudo isso tendes poucos que vos sirvam! E há homens que tenham por grande trabalho o servir-vos! E os há negligentes, os há desgostosos em vosso serviço! Temos fé? Sabemos bem a religião que professamos?

Eis aqui, Senhor, diz São Pedro, que tudo deixamos e fomos em seguimento de vós. Por certo que não era grande coisa tudo o que haviam deixado: uma barca e umas redes velhas; mas contudo, que recompensa! Abundância de dons do Espírito Santo: favorecidos, privilegiados de Deus vivo; ainda isto é pouco; sentados em suas cadeiras com Jesus Cristo para julgar os mortais e à frente de todos os escolhidos para seguir a Jesus Cristo em sua glória. Meu Deus, e com que liberalidade recompensais os que vos amam! Quanta razão tiveram os Santos para servir-vos com tanto valor e

com tanta fidelidade!

Mas, para que não se cresse que esta liberalidade se limitava precisamente aos Apóstolos, acrescenta imediatamente: Qualquer que por meu amor deixar sua casa ou seus irmãos, isto é, qualquer que me amar com ternura, que me servir com fidelidade, que guardar meus mandamentos com perseverança, eu mesmo serei seu prêmio por toda a eternidade. Sim: nenhuma coisa se fará por Deus, por mínima que seja, que fique esquecida; nem um só cabelo será arrancado por ele que não se leve exata conta; nenhuma ação exterior, nenhum ato interior que tenha a Deus por motivo que não seja eternamente recompensado. Ó liberalidade, ó prodigalidade divina, e quanto me confundis!

Que dor, meu Deus, e que desespero é o meu por não haver querido servir a um amo tão liberal, que admite por serviços os desejos! Isto está feito; e assim vo-lo prometo com toda a sinceridade que me é possível: eu vos amarei toda a minha vida, eu vos servirei com a maior fidelidade.

Jaculatórias

Oh Senhor, e que consolos tendes reservados para os que vos amam e vos temem! (Sl 30.)

Quão bom é o Deus de Israel para os retos de coração! (Sl 72.)

Propósitos

1. Basta uma simples tintura de nossa Religião, basta um mediano conhecimento da infinita bondade de nosso Deus, basta a memória do que Deus disse e fez em favor dos que o servem para convencer-nos da liberalidade com que recompensa os menores serviços que se lhe fazem e de que sempre os recompensa como Deus. Não derrama suas liberalidades unicamente sobre as grandes ações que se fazem por ele: premia até o mínimo desejo, até a só vontade que se tem de dar-lhe gosto. Lembra-te de tantos benefícios como recebeste no discurso de tua vida; todos os deves à pura bondade, à pura liberalidade de teu Deus. Mas não, não nos devemos deter nas recompensas desta vida; nunca levantes os olhos ao céu sem considerar que ali é onde te tem Deus reservado o prêmio de teus menores serviços. Uma bem-aventurança infinita e eterna, um conjunto de todos os bens, uma felicidade sem limites e sem medida, a mesma essência de Deus: este há de ser teu prêmio.

2. Mas não deves servir a tão bom amo precisamente em consideração ao prêmio; mais puro, mais desinteressado há de ser nosso motivo. Em meio disso alenta o coração a memória da bondade e da liberalidade com que recompensa Deus os que o servem. São ordinárias, são comuns nesta vida as adversidades, os trabalhos, os contratempos e as mortificações; pois compara-as então com o prêmio que te espera. Se te parece que Deus é pouco liberal contigo em recompensas temporais, alegra-te e dá-lhe mil graças, porque é sinal de que no-las reserva para a outra. E onde há maior

consolo?

[^1]: ... o rei obrigou Dom Nuño, que então era abade de Silos, a que renunciasse a abadia. Vergara pretende que nisto há equívoco, dizendo que Dom Nuño não era abade de São Sebastião, mas de São Miguel, mosteiro que se junta com o outro por uma esquina, cujas igrejas perseveram hoje. Foram distintas estas duas casas, até que Dom Nuño, que era abade em São Miguel no ano 1056, cedeu aquela casa com todos os seus bens ao abade Santo Domingo. A escritura desta incorporação pode ver-se em Castro, liv. 3.º, cap. 3, pág. 287. Não é coisa de todo averiguada se antes do ano 1056 eram presididos estes dois mosteiros pelo abade Dom Nuño. Flórez crê que sim. T. XXVII, pág. 456.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:10 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:10 by Admin